



# Um olhar feminino na República

Ariana Costa  
Manuela Storino  
Paula Rodrigues



Como você imagina uma mulher do século XIX?

Por onde elas andavam?

Todas as mulheres ocupavam os mesmos espaços?

Quais os papéis sociais dessas mulheres?



# Curadoria Digital

## Vozes do silêncio: Mulheres no Brasil oitocentista (século XIX)

CURADORIA:

### Vozes do silêncio: Mulheres no Brasil oitocentista (século XIX)

Figuras históricas importantes, as mulheres participaram de modos variados da vida pública e privada do Brasil oitocentista. Entre trabalhadoras, matriarcas, professoras, esposas, e outras funções, a condição feminina ainda é vista, muitas vezes, como parte separada dos grandes fatos históricos. Em contraponto a essa perspectiva distorcida, destacamos aqui uma pequena parte dos hábitos e do cotidiano de três brasileiras do século XIX, mulheres de diferentes gerações e com histórias entrelaçadas: Olympia Coriolano da Costa, Maria Joaquina da Costa Botelho de Magalhães e Bernardina Botelho de Magalhães.

[Acesse a curadoria na íntegra](#)







# Olympia Coriolano da Costa Gonçalves Dias

- Nascida em em 1828, também filha de Cláudio Luís da Costa, e irmã mais velha de Maria Joaquina, a quem direcionava um tratamento maternal. Professora de piano e por um breve período, diretora da Sociedade Amante da Instrução, teve acesso ao letramento, e precisou trabalhar para suprir as demandas financeiras.
- Casou-se em 1852 com o poeta Antônio Gonçalves Dias, com quem teve uma vida conjugal extremamente conturbada, o que se verifica nas cartas trocadas entre o casal. Tiveram uma filha em 1854, chamada Joanna Olympia, que faleceu com apenas dois anos de idade, abalando ainda mais a vida já desequilibrada de ambos.
- Através de Olympia podemos verificar o papel desenvolvido por algumas mulheres no espaço público.



Tia cuidadosa, irmã conselheira,  
cunhada responsável e carinhosa.

X “Diana caçadora de marido”



Olympia e Maria Joaquina



Joanna Olympia Gonçalves Dias



no-me eu só quero que me mandes dizer como tens passado  
e o que dizem os médicos da tua molestia, e te peço que não  
faças asneiras, fare por conservar a vida, e se eu pu-  
desse estar ao teu lado para tratar-te, como serias trata-  
do com tanto carinho e desvello, porém Deos não quis  
que eu fosse feliz.

Consta-me que teucianas partir para estlemauha, peço  
te que não te esqueças de mim, pois acredito que eu sou  
a pessoa que mais te estima neste mundo, porém é  
bem certo longe da vista, longe do coração, pois desde  
que que partiste ainda não achaste um pedaço  
de papel para me escreveres, que tu nunca me esti-  
maste já disse devia eu ter a certeza porém parece in-  
crível que eu tendo cada vez mais provas do teu indiffe-  
rentismo cada vez parece que te estimo mais, já  
loucura da minha parte, porém não está nas mi-  
nhas mãos deixar de estimar-te. se estivesse, eu se-  
ria mais feliz pois o que mais custa neste mundo  
é ser tratado com indifferntismo pela pessoa  
quem mais estimamos. eu só te peço que se não  
me estimas, se não me tens amar ao menos tem  
compaixão desta que tanto soffre por teu respo-  
tado meu adorado. O eston anciosa que es-  
tá vapor para ver que noticias trances tua.

te peço encarecidamente que escrevas por ta-  
paquêtes ao Favano pois é o meio mais fa-  
cil ter noticias tuas mesmo porque elle não desca-  
da nem mesmo me conhece pois eu quero sa-  
ber como passas. espero que me farás o que te  
peço e não fizeres então farei todo possível (se  
possível) de me esquecer de quem tão mu-  
lta a quem o estima com tanto extremo, e  
esqueças de mandar pôr o teu retrato no

“Que tu nunca me estimaste já disse devia eu ter a  
certeza, porém parece incrível que eu tendo cada vez  
mais provas do teu indifferntismo, cada vez parece  
que te estimo mais, já é loucura da minha parte, porém  
não está nas minhas mãos deixar de estimar-te. Se  
estivesse, eu seria mais feliz, pois o que mais custa  
neste mundo é ser tratado com indifferntismo pela  
pessoa a quem mais estimamos.”

(Olympia para Gonçalves Dias, Rio de Janeiro, 1862)





# Maria Joaquina Costa Botelho de Magalhães

- Maria Joaquina Bittencourt Costa Botelho de Magalhães nasceu no Rio de Janeiro em 16 de abril de 1848, filha de Claudio Luiz da Costa, médico e segundo diretor do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant. Criada, na primeira infância, por sua irmã Olímpia Coriolana Gonçalves Dias.
- Aos 15 anos, casou-se com Benjamin Constant Botelho de Magalhães em 17 de abril de 1863, a época professor ingressante no Imperial Instituto.

*“Desde então tornou-se éla o centro da ezistência do benemérito patrióta, que teve a felicidade de encontrar assim a companheira devotada de sua vida objetiva e a zeladora escrupulózta de sua memória.” (MENDES, 1913, p.85).*



# Marido e Família

- Durante os 28 anos juntos, o casal teve oito filhos: Aldina, Adozinda, Alcida, Leopoldo, Benjamin, Bernardina, Claudio e Aracy, tendo o primeiro e o último menino falecido ainda na infância.
- Maria Joaquina se dedicou à instrução dos filhos e aos cuidados domésticos durante toda a vida. É o que expõe nas cartas trocadas com os familiares, sempre preocupada com a saúde de todos, demonstrando carinho e aconselhando quando necessário.
- Em correspondências trocadas entre Benjamin Constant e Maria Joaquina transcritas no livro de Renato Lemos, “Cartas da Guerra” (1999) durante a estada de Benjamin nas trincheiras da Guerra do Paraguai, podemos destacar a preocupação de Maria Joaquina em relação a saúde de Benjamin e sua participação na guerra.

*“Por amor de [ti], somente por ti quebro este meu propósito (nas condições acima), peço a minha demissão embora a guerra não esteja acabada. Que queres mais que faça? Se arranjar algum emprego fora do campo mando-te buscar]? Que posso prometer-te mais? Queres que te faça promessas agradáveis aos teus desejos naturais, é verdade, mas que eu não posso nem devo cumprir.” (LEMOS, 1999, p.169)*





- Como muitas mulheres da época, a imagem de Maria Joaquina é constantemente vinculada à vida do esposo, sendo inclusive chamada de “viúva Benjamin Constant”, após a morte do marido, em 1891.
- Em contraposição a essa aparente falta de identidade e autonomia, as evidências documentais, como cartas e fotografias, apresentam uma mulher que assumiu várias responsabilidades e que conduziu toda a família.
- Ainda manteve comunicação com professores e políticos que buscavam informações sobre seu falecido marido, dado o destaque que a participação de Benjamin na Proclamação da República acabou conferindo à sua figura póstuma.
- Maria Joaquina dedicou-se à preservação da memória de Benjamin, conservando sua produção intelectual ligada ao Positivismo, à educação e à República, além de roupas e objetos pessoais. Ela inclusive lutou pela justa imagem da qual, a seu ver, Benjamin Constant deveria gozar, em face de acusações de que ele havia morrido em situação de insanidade mental. Escreveu a seus alunos e amigos, pediu deles relatos em primeira pessoa sobre o falecido professor como evidência da sanidade de seu marido.





# Bernardina Botelho de Magalhães

Bernardina nasce em 15 de abril de 1873, sexta filha do casal Benjamin Constant e Maria Joaquina.

O seu nome foi em homenagem a sua avó paterna, Bernardina Joaquina da Silva Botelho de Magalhães.

Foi uma das filhas de Benjamin Constant que mais se destacou na história, por ter escrito um diário retratando o cotidiano familiar no período de transição da Monarquia para a República, quando tinha 16 anos, que se tornou um documento histórico sobre a República Brasileira.



# O diário de Bernardina: da Monarquia à República pela filha de Benjamin Constant



Castro, Celso; Lemos, Renato (orgs.). O diário de Bernardina: da Monarquia à República pela filha de Benjamin Constant. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

# Os usos do diário de Bernardina

O diário de Bernardina trás a rotina de uma família, que possuía condição financeira confortável e circulava pela sociedade política da época.

Por ele é possível observar o cotidiano do século XIX, e os hábitos femininos do período.

É perceptível as definições de masculinidade e feminilidade vigentes no século XIX, através da divisão das atividades entre os membros da família, por exemplo, a atuação política do seu pai e o seu irmão na vida pública, já Bernardina, suas irmãs e mãe, no ambiente doméstico e no seio da família.

## **Temas recorrentes:**

Registro das poucas saídas de casa;

Quando saía tinha que ter companhia ;

A saúde dos familiares;

Trabalhos de bordado e costura.



# Ponto de mudança na rotina familiar: a República

A rotina da família e o status social mudam radicalmente quando Benjamin Constant passa a ser uma das figuras centrais no processo de implantação do governo republicano.

E as mulheres da família contribuem, dentro do padrão de feminilidade esperado no período, bordando a Bandeira Republicana

“[...] De noite, mamãe foi comigo e Alcida à casa do dr. Veiga, para pedir à d. Marianinha o grande obséquio de nos guiar e ensinar a fazer duas bandeiras para oferecermos, em nome de todas as filhas, uma à Escola Superior e outra à Escola Militar, como pequena prova de gratidão pela dedicação e interesse que os alunos d'estas escolas têm sempre dedicado a papai [...].”

Bernardina em seu diário, 25 de novembro de 1889.



Exemplar da bandeira nacional republicana confeccionada pelas filhas e esposa de Benjamin Constant, oferecida como presente à Escola Superior de Guerra, em maio de 1890. Acervo do Museu da República.



Flor bordada feita por Bernardina e oferecida a Manoel Miranda por ocasião da 1ª Festa da Bandeira em 1908.

### **Sugestão Bibliográfica:**

Lopes, Marcos Felipe de Brum. A Bandeira e a Flor. **Museu Casa de Benjamin Constant**, 2022. Disponível em: <<https://museucasabenjaminconstant.museus.gov.br/a-bandeira-e-a-flor/>>. Acesso em: 19 de abril de 2024.





*Bernardina e João Albuquerque de Serejo.*



*Bernardina, seu esposo e alguns dos seus filhos.*

João Albuquerque de Serejo casa-se com Bernardina em 18 de outubro de 1897, juntos tiveram dez filhos. Residiram onde atualmente é a administração do Museu Casa de Benjamin Constant, iniciando a construção da residência no século XX. Bernardina falece em 24 de agosto de 1928.

# Representações femininas na República

O uso da alegoria feminina se baseava em um sistema de interpretação do mundo do qual a república era apenas parte, embora importante. Na escala dos valores positivistas, em primeiro lugar vinha a humanidade, seguida pela pátria e pela família. A república era a forma ideal de organização da pátria. A mulher representava idealmente a humanidade [...] A mulher era quem melhor representava esse sentimento, daí ser ela o símbolo ideal para a humanidade [...] Comte chegou ao ponto de especificar o tipo feminino que deveria representar a humanidade: uma mulher de trinta anos, sustentando um filho nos braços (JOSÉ MURILO DE CARVALHO, 2005)



Homenagem post mortem a Floriano Peixoto, com uma alegoria feminina o cobrindo com a bandeira brasileira e a figura de Benjamin Constant no plano de fundo.

Maria Joaquina representada no Monumento a Benjamin Constant - Campo de Santana/RJ



Selo emitido em comemoração ao "Dia do Selo", reproduzindo cena histórica da pintura intitulada: "A Pátria", de Pedro Bruno







# As relações sociais entre homens e mulheres em sala de aula

Pinsky, Carla Bassanezi. Gênero. In: Pinsky, Carla Bassanezi (org.). *Novos Temas nas aulas de História*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 29-54

**"(...) Ao observar que as ideias a respeito do que é 'ser homem' e 'ser mulher', os papéis considerados femininos e os masculino ou a condição das mulheres, por exemplo, foram se transformando ao longo da história (como e por que), os alunos passam a ter uma visão mais crítica de suas próprias concepções, bem como das regras sociais e verdades apresentadas como absolutas e definitivas no que diz respeito às relações de gênero. (...)” - Pág. 32 - 33**

**"Parece estar bem claro, mas não custa enfatizar: na perspectiva de gênero, o objeto da investigação não precisa ser necessariamente a categoria empírica 'mulher' (ou 'homem'). Na constituição das relações e significados de gênero, vários elementos estão envolvidos: os símbolos, as normas sociais, a organização política, econômica e social e a subjetividade." - Pág. 40.**